

# UMA HISTÓRIA DE *DOLIA*

UMA PRIMEIRA ANÁLISE AOS RECIPIENTES CERÂMICOS DE  
ARMAZENAGEM DE VALE DO MOURO (CORISCADA, MEDA)

PEDRO PEREIRA\*

**Resumo:** O *dolium* ou a talha, como é vulgarmente designado nos nossos dias, é muito provavelmente um dos tipos cerâmicos com maior pervivência ao longo da História da cerâmica em Portugal. É também um dos tipos de cerâmica menos estudados no nosso território.

A história da cerâmica romana em Portugal tem-se centrado, essencialmente, nas cerâmicas de luxo e de importação, como as *sigillatae* ou as ânforas, ou em produções locais representativas de uma determinada zona, como as cerâmicas finas cinzentas. Os *dolia* têm representado, frequentemente, um caso a parte. Muitas vezes, os vestígios descobertos não chegam a ser estudados, mesmo quando as escavações arqueológicas revelam uma predominância deste tipo de peças.

O seguinte trabalho insere-se num estudo mais global, que temos vindo a desenvolver, das peças de tipo *dolium* presentes no Vale do Douro e na Beira Interior, em contextos arqueológicos datáveis dos séculos II a IV. Tomámos, aqui, como ponto de partida o trabalho realizado por Tony Silvino e Guillaume Mazza sobre a estrutura de produção de *dolia* em Rumansil (Mós do Douro, Vila Nova de Foz Côa).

Neste artigo, apresentamos os resultados preliminares da análise dos vestígios de *dolia* provenientes da villa de Vale do Mouro (Coriscada, Mêda), escavado entre 2003 e 2010, onde nos foi possível realizar um levantamento e estudo sistemático dessas cerâmicas.

**Palavras-chave:** *Dolium*, villa, Vale do Mouro, vinho.

**Abstract:** The *dolium* or vase, as it is commonly called in our days, is in all probability one of the most prevalent types of pottery in the history of ceramics in Portugal. It is also one of the least studied types at national level.

The history of Roman ceramics in Portugal has essentially focused on high-quality, imported pottery, such as the *sigillatae* or *amphorae*, or on local productions representative of a certain area, such as the fine grey pottery. The *dolia* are usually considered in a class on their own. The remains found are often not studied, even when the archaeological digs yield a significant amount of these objects.

This article results from a more extended study we have been developing, on the *dolium* type pieces of pottery found in the Douro valley and Beira Interior region, in archaeological settings dating from the 2<sup>nd</sup> to the 4<sup>th</sup> centuries. The work of Tony Silvino and Guillaume Mazza on the production structure of the *dolia* in Rumansil (Mós do Douro, Vila Nova de Foz Côa) is here taken as a starting point of analysis.

In this paper, we present the preliminary results of the analysis of *dolia* fragments found at the town of Vale do Mouro, (Coriscada, Mêda), excavated between 2003 and 2010, which enabled the systematic survey and study of this type of pottery.

**Keywords:** *Dolium*, villa, Vale do Mouro, wine.

## INTRODUÇÃO

O *dolium* ou a talha, como é vulgarmente designado nos nossos dias, é muito provavelmente um dos tipos cerâmicos com maior pervivência ao longo da nossa História. É também um dos tipos de cerâmica menos estudados no nosso território.

A história da cerâmica romana em Portugal tem-se centrado, essencialmente, nas cerâmicas de luxo e de importação, como as *sigillatae* ou as ânforas, ou em produções locais representativas de uma determinada zona, como as cerâmicas finas cinzentas. Os

\* Colaborador do CITCEM (FLUP/FCT) e do UMR 5138 *Archeologie et Archeometrie* (UL II/CNRS).

*dolia* têm representado, frequentemente, um caso à parte. Muitas vezes, os vestígios descobertos não chegam a ser estudados, mesmo quando as escavações arqueológicas revelam uma predominância deste tipo de peças.

O seguinte trabalho insere-se num estudo mais global, que temos vindo a desenvolver, das peças de tipo *dolium* presentes no Vale do Douro e na Beira Interior, em contextos arqueológicos datáveis dos séculos II a IV. Tomamos, aqui, como ponto de partida o trabalho realizado por António Sá Coixão, Tony Silvino e Guillaume Mazza sobre a estrutura de produção de *dolia* em Rumansil (Mós do Douro, Vila Nova de Foz Côa)<sup>1</sup> e o capítulo da tese de Inês Vaz Pinto sobre este tipo cerâmico no sítio de São Cucufate (Vidigueira, Beja)<sup>2</sup>.

## O CONTEXTO: A VILLA ROMANA DE VALE DE MOURO

Neste artigo, apresentamos os resultados preliminares da análise dos vestígios de *dolia* provenientes da *villa* de Vale do Mouro (Coriscada, Mêda), onde decorreram escavações entre 2003 e 2010 e onde nos foi possível realizar um levantamento e estudo sistemático dessas cerâmicas.

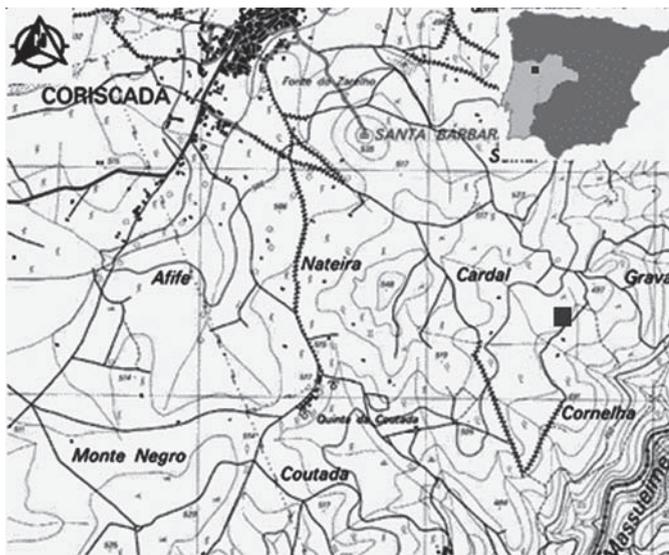


Ilustração 1 – Sítio Vale do Mouro.

O sítio de Vale do Mouro localiza-se no extremo Sudeste do concelho da Meda, na freguesia da Coriscada. Situada a meia encosta de um pequeno vale, a Norte da ribeira de Massueime, esta *villa* foi alvo de uma intervenção arqueológica entre 2002 e 2009. O terreno onde o sítio se encontra implantado está delimitado, a Norte e Oeste, por um muro de propriedade que assenta directamente, ao longo da maior parte do seu traçado, sobre estruturas romanas. O acesso actual ao sítio é feito a

partir do lado Este, embora, durante a ocupação romana, o acesso se fizesse, muito provavelmente, pelo Sul e Norte.

A equipa luso-francesa que escavou o sítio descobriu algo que contrariava as teorias normalmente aceites para a ocupação romana do interior Norte de Portugal: uma *villa* romana, de dimensões consideráveis (cerca de 4 ha de dispersão material à superfície), com produção de, entre outros elementos, vinho, azeite e cereal.

<sup>1</sup> COIXÃO, MAZZA e SILVINO, 2003.

<sup>2</sup> PINTO, 2003.

A estrutura arquitectónica de Vale do Mouro segue o modelo de *villa* de peristilo. A *pars urbana* desenvolve-se em torno de um pátio central, com jardim e um reservatório de água. Este tanque abastecia de água as termas, localizadas a Sul. Envolvendo a *pars urbana* a Norte, Este e Sul, encontra-se a *pars rustica*. Esta zona era onde a maioria das transformações de matérias-primas em produtos decorria. É também aqui que os trabalhadores rurais habitavam e onde quase todas as produções da *villa* eram armazenadas, pelo menos durante a primeira fase de funcionamento do sítio.

Embora não tenha sido possível proceder à escavação de zonas potencialmente interessantes, como a zona directamente a Oeste da *pars urbana* ou a zona Norte do sítio, localizada num terreno pertencente a outro proprietário, a quantidade de dados obtidos nas campanhas realizadas permite-nos desde já estabelecer uma perspectiva clara sobre a cerâmica de armazenamento de tipo *dolium*.

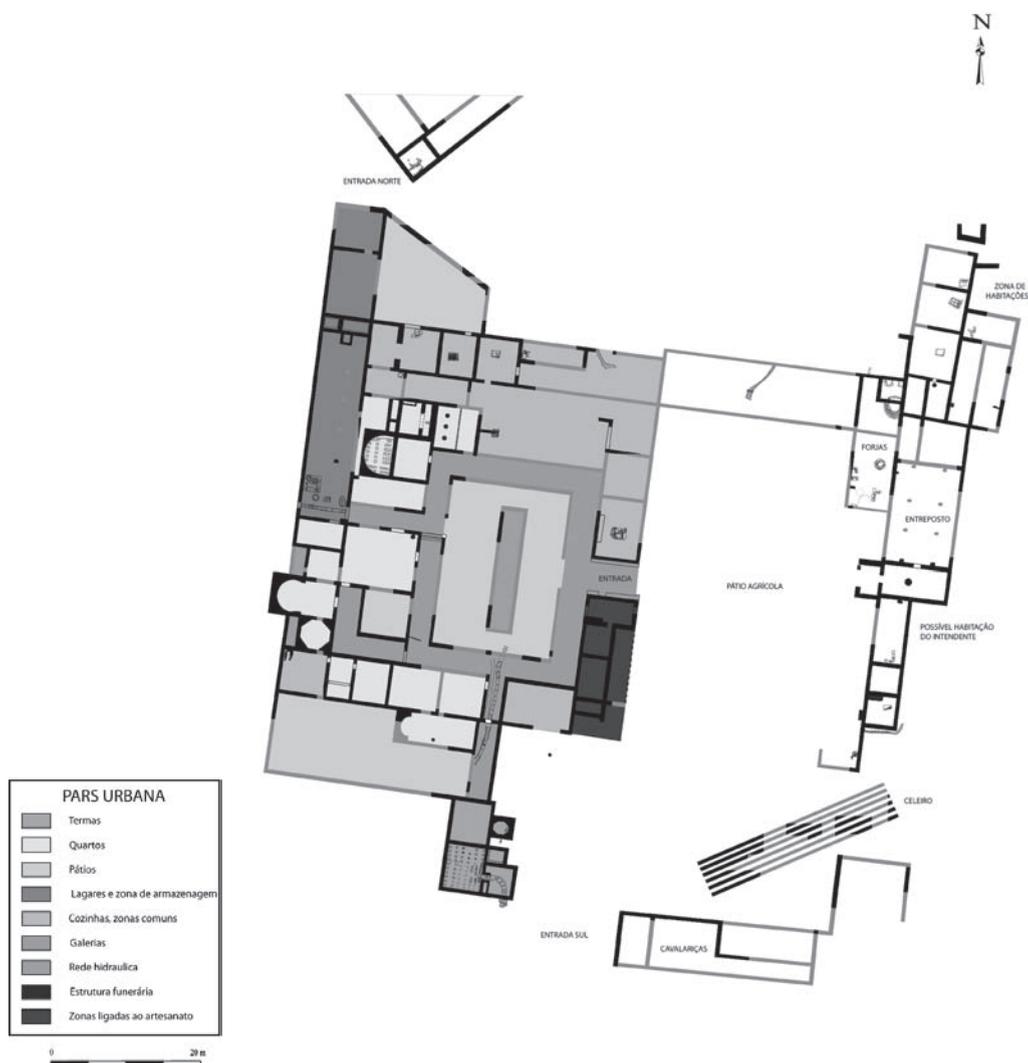


Ilustração 2 – Planta de Vale do Mouro.

A *cella vinaria* de Vale do Mouro, localizada no lado Oeste da *pars urbana*, foi o único local onde se descobriu um *dolium in situ*. Foi também nesta zona que se encontraram vestígios possíveis de armazenamento de vinho em *cupae*.

Durante a escavação do sítio de Vale do Mouro foram inúmeros os elementos da vida quotidiana descobertos na *villa*. A grande maioria dos vestígios descobertos é constituída por fragmentos de cerâmicas de cozinha e armazenamento e, dentro deste último grupo, encontram-se os *dolia*. Embora este tipo de recipiente pudesse ter outras utilizações, como armazenar cereais ou azeite, a grande maioria dos *dolia* seria para guarda de vinho. Esta constatação provém de vários factores, como a análise tipológica e de pastas e a análise dos revestimentos dos *dolia*.

Para além de *dolia*, encontramos em Vale do Mouro outros tipos de recipientes de armazenamentos, como ânforas, tanto de importação<sup>3</sup> como de produção local, de cronologia tardia<sup>4</sup>. Também podemos discernir outros tipos de recipientes, como potes de cozinha, cerâmica doméstica ou mesmo um balde<sup>5</sup>. Todavia, o elemento de armazenamento mais comum e que ocorre mais frequentemente no registo de escavação é o *dolium*, representado na larga maioria das divisões e compartimentos do estabelecimento.

## PARA UMA TIPOLOGIA DOS *DOLLIA* DE VALE DE MOURO

Os fragmentos de *dolia* de Vale do Mouro constituem cerca de 10% do espólio cerâmico estudado, com cerca de 1900 fragmentos descobertos entre 2003 e 2009. A partir destes elementos, podemos discernir seis tipos base de *dolia*, a partir dos bordos e pastas. Embora este tipo de estudo não seja totalmente inovador no contexto da Lusitânia<sup>6</sup>, constitui uma achega para o estudo de um tipo de peça que tem sido, na esmagadora maioria dos sítios, descurada<sup>7</sup>.

A partir dos estudos feitos por Tony Silvino e Guillaume Mazza sobre o forno e *dolia* de Rumansil I, em 2005, e do estudo que temos vindo a realizar do espólio de outras estações arqueológicas na zona, é-nos possível falar de cinco grandes tipos de *dolia*. Embora a definição de *dolia* seja algo ambígua, nos estudos que temos realizado temos feito a distinção entre cerâmicas de armazenamento de líquidos (vinho, azeite, água...) e de elementos sólidos (cereais, carne, peixe...). Devido ao tamanho das peças e ao facto de, na zona do Douro, não se proceder ao enterramento total dos *dolia* durante a sua utilização activa, a descoberta de elementos completos tem, até ao momento, sido extremamente limitada<sup>8</sup>.

<sup>3</sup> Como um fragmento de ânfora de tipo Dressel 5.

<sup>4</sup> Como os dois colos com arranque de bojo descobertos durante a escavação da *cella vinaria*, que se inserem na tipologia Dressel 14b.

<sup>5</sup> O estudo deste objecto encontra-se publicado por RAULT, 2008.

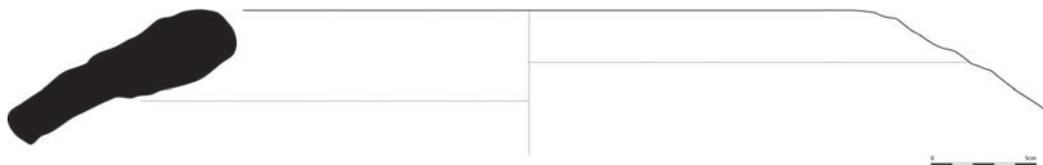
<sup>6</sup> Vide MAZZA, COIXÃO e SILVINO, 2006 ou PEREIRA, 2010.

<sup>7</sup> O estudo dos *dolia* lusitanos tem-se cingido a pequenos estudos locais, na sua maioria no âmbito de trabalhos universitários, embora alguns investigadores tenham levado esses mesmos estudos a níveis de rigor mais elevados, como podemos ver pelo interessante trabalho de Inês Vaz Pinto sobre as cerâmicas comuns de São Cucufate (PINTO, 2003).

<sup>8</sup> Casos raros destas descobertas são testemunhados pela peça presente na exposição permanente do Museu da Casa Grande, Freixo de Numão, procedente de Rumansil I, ou peça encontrada, mais recentemente, em Vale do Mouro, Coriscada, na zona da *cella olearia*.

Assim, adoptámos o modelo utilizado no estudo ceramológico de Rumansil I: a análise das pastas, mas, mais intrinsecamente, a análise dos bordos, estabelecendo macro-tipologias a partir destes dados. No caso de Vale do Mouro, a nossa análise centra-se nos *dolia* utilizados, ou cujo objectivo seria serem utilizados, para conter líquidos. Além disso, as peças a que nos referimos aqui foram todas aquelas em que foi possível observar a presença de pez no seu interior. A relevância deste dado é o facto de o pez ser apenas utilizado para revestir recipientes vinários<sup>9</sup>. Para revestir *dolia* de armazenamento de azeite, seria utilizado um revestimento em argamassa de cal.

Os vários tipos presentes em Vale do Mouro podem ser directamente co-relacionados com os tipos presentes em Rumansil I, uma vez que as tipologias são mais ou menos constantes. Encontramos também paralelos de quase todos os tipos no Alto da Fonte do Milho e no Zimbro. Alguns paralelos estão também presentes nos *dolia* descobertos em Tongóbriga e mesmo em outras zonas da Lusitânia, como é o caso de São Cucufate<sup>10</sup>. Assim, a tipologia estabelecida para os *dolia* de Vale do Mouro obedece à numeração estabelecida para Rumansil I (tipos R2 I, II, III e IV) e o quinto tipo para o tipo V do Alto da Fonte do Milho. O sexto tipo de *dolium* foi apenas descoberto em Vale do Mouro, num contexto singular, que descreveremos mais tarde.



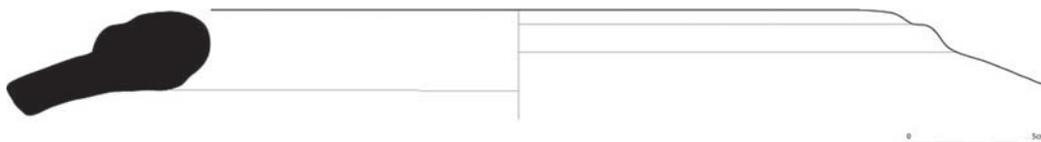
**Ilustração 3** – Tipo I.

O tipo I possui uma pasta heterogénea, com uma grande quantidade de inclusões de desengordurantes (mica, feldspato e quartzo), além de uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica moída, visível na pasta<sup>11</sup>. A coloração da pasta varia entre o laranja destoadado, 2.5YR3/8, e uma graduação cinzenta, 7.5YR3/2 (escala de Munsell). Em termos de forma, os bordos desta tipologia caracterizam-se por serem rectilíneos, sem que exista uma grande transição em relação à pança. A poucos centímetros da sua extremidade superior, denota-se um ressaltar da pasta, demonstrando o bordo, e podemos observar a base de apoio a uma cobertura. Os diâmetros de bordo destas peças variam entre os 30 e 34 cm.

<sup>9</sup> Como, aliás, ainda hoje se faz nas zonas em que as talhas, descendentes directos dos *dolia*, são utilizadas no armazenamento de vinho.

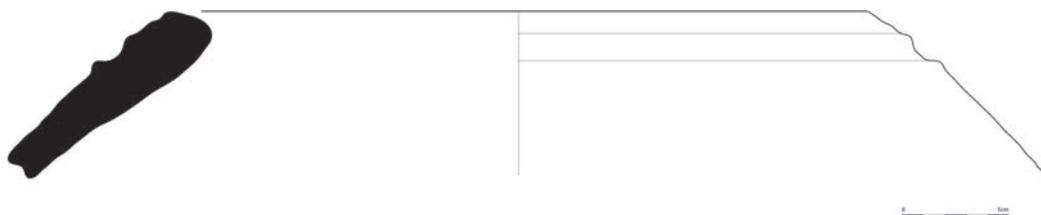
<sup>10</sup> PINTO, 2002.

<sup>11</sup> Este tipo encontra paralelos com o tipo XIII-A-1 dos *dolia* de São Cucufate. Também foram encontrados paralelos deste tipo noutras estações do Sul de Portugal, como no caso dos fornos de Arapouca, em Alcácer do Sal.



**Ilustração 4** – Tipo II.

O tipo II<sup>12</sup> demonstra uma maior inclinação do bordo em relação ao interior das peças. O bordo possui uma canelura dupla, sendo que existe uma distinção óbvia entre a pança e o bordo. O lábio é praticamente paralelo ao plano de cobertura e o diâmetro tem uma média de 25 cm. Em termos de cor, estas peças caracterizam-se por serem de uma coloração beije, 2.5Y7/6 (escala de Munsell).



**Ilustração 5** – Tipo III.

O tipo III possui uma enorme verticalidade relativamente aos outros tipos. Denota-se uma canelura, bem demarcada, a uma distância de 5 a 7 centímetros do limite do bordo. O diâmetro de abertura varia entre os 34 e 36 cm. A nível da pasta, estas peças distinguem-se por possuírem uma cor que varia entre o laranja, 2.5YR4/10, e um avermelhado destoado, 10R2/8 (escala de Munsell).

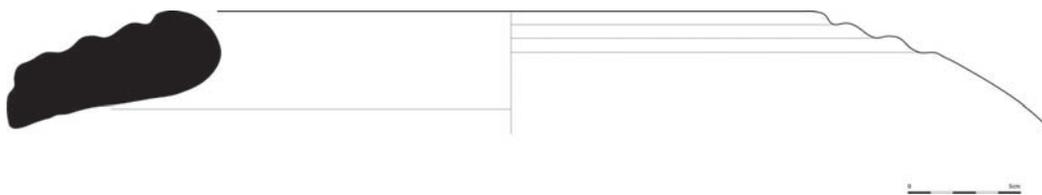


**Ilustração 6** – Tipo IV.

O tipo IV<sup>13</sup> consiste em peças com bordo totalmente liso, com uma garganta residual interior. O diâmetro destas peças varia entre os 28 e 32 cm. Relativamente à coloração da pasta, varia entre um amarelo pálido, 5Y8/6, e o beije, 2.5Y7/6 (escala de Munsell).

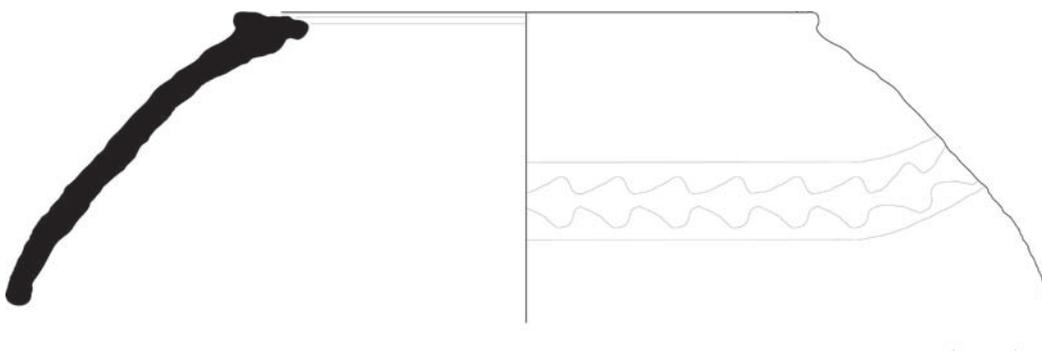
<sup>12</sup> Esta tipologia encontra igualmente paralelo com os tipos presentes em São Cucufate, inserindo-se no grupo XIII-A-1-a. Embora os elementos que se encontram no sítio da Vidigueira tenham também presentes pequenas asas verticais, nos *dolia* presentes em Vale do Mouro não nos foi possível detectar este elemento. Todavia, ele existe em outras estações próximas, como no Alto da Fonte do Milho, Canelas.

<sup>13</sup> Tipo semelhante à forma XIII – A – 1 – b de São Cucufate.



**Ilustração 7** – Tipo V.

O tipo V define-se como uma variedade de peças com três caneluras exteriores, consecutivas, sendo o remate do bordo constituído pelas mesmas características formais do tipo I de RII (ressaltar da pasta, demonstrando o bordo, com uma saliência para suporte de cobertura). O diâmetro desta tipologia varia entre os 26 e 28 cm. A nível da coloração, varia entre um amarelo destoadado, 4/5 Hue10YR, e um laranja pálido, 6/5 Hue5YR (escala de Munsell).



**Ilustração 8** – Tipo VI.

O tipo VI estabelece-se como o único tipo que não é pré-existente nos *dolia* descobertos na Lusitânia. A peça foi descoberta numa divisão interior do pátio de peristilo da *pars urbana* da *villa*. Este espaço, com um solo revestido a *opus signinum* e com três aberturas centrais, formando uma linha equidistante, aparenta ter funcionado como uma zona de prova ou *degustatio*. Os fragmentos da peça foram descobertos concentrados a Sul deste espaço. A partir do desenho, podemos observar que nos deparamos com uma peça diferente dos restantes tipos, embora com paralelos, por exemplo, com o tipo II de R2. Com um diâmetro de cerca de 32 cm e com um perfil próximo do tipo III, o tipo VI difere por possuir uma menor horizontalidade do que o tipo III. Também é possível observar uma depressão no interior da peça, para que fosse possível colocar uma tampa. A única peça conhecida desta tipologia possui uma pasta heterogénea com uma cozedura redutora, de tom ocre (5YR1/4 na escala de Munsell). Possui também uma decoração em banda.

Os recipientes de tipo *dolia* encontram-se dispersos um pouco por toda a área de ocupação. Todavia, existem zonas onde a pervivência de grandes concentrações de *dolia*, sobretudo na terceira camada estratigráfica geral, ou seja, sob a camada dois,

correspondente à última fase de destruição. Também se denota uma grande concentração de fragmentos de *dolia* na *pars urbana*.

Na última fase de ocupação da *villa*, entre os séculos III e IV d.C., a ocupação humana aparenta conter-se na zona Nordeste do sítio, sendo a *pars urbana* quase totalmente abandonada. Todavia, a nível estrutural, os edifícios são mantidos, embora tal cuidado não seja a nível do equipamento geral, apenas nas zonas de trabalho e transformação.

Uma das teorias avançadas seria que o proprietário da *villa* desse período, que já não habitaria aí, utilizaria o sítio apenas como uma estrutura de produção<sup>14</sup>. Assim, a transformação de matérias-primas seria o único propósito da *villa*, deixando cair em desuso as estruturas de maior luxo da *pars urbana*.

## NOTA FINAL

O *dolium* enquanto recipiente de eleição, tanto para o armazenamento como para o transporte, tem sido constantemente descuidado em território lusitano. O facto de a sua presença ter sido muitas vezes interpretada como apenas mais cerâmica comum, muitas vezes contabilizada, mas raramente estudada, faz com que seja necessária a sua categorização e estudo.

Na nossa perspectiva, os recipientes de tipo *dolium*, embora não tenham substituído total e irreversivelmente as ânforas no processo económico e sem querer descuidar esta forma cerâmica, a partir do século II d. C., verifica-se uma clara decadência deste último tipo, principalmente em zonas afastadas da orla marítima, como é o caso de Vale do Mouro.

Consideramos, por isso, que os dados relativos a este tipo de recipiente são essenciais para compreender não só como é que a lógica produtiva romana funcionaria no interior da Lusitânia como para entender como é que se procederia ao comércio de vinho e azeite no interior Norte desta província, onde as ânforas descobertas, de fabrico local ou importadas, são escassas.

## BIBLIOGRAFIA

- BELTRÁN LLORIS, M. (1994) – *Guia de cerâmicas romanas*. Zaragoza: Pórtico.
- COIXÃO, A. N. S.; MAZZA, G.; SILVINO, T. (2003) – *Os fornos de cerâmica de Rumansil I – Murça do Douro (Vila Nova de Foz Côa) – estudo preliminar*. «Côavisão», n.º 5. Vila Nova de Foz Côa.
- COIXÃO, A. N. S.; SILVINO, T. (2006) – *O sítio arqueológico de Rumansil I*. «Côavisão», n.º 8. Vila Nova de Foz Côa.
- (2009) – *Coriscada, une grande villa romaine du Portugal*. «Archéologia», n.º 464. Lyon.
- PEREIRA, Pedro (2010) – *Materiais esquecidos – o espólio cerâmico de armazenamento (dolia) do Alto da Fonte do Milho, Peso da Régua*. «Al-madan», 2ª série, n.º 17. Almada (no prelo).
- RAULT, V. (2009) – *Etude de l'instrumentum du site de Vale do Mouro (Coriscada), Portugal*. Memoire de Master I dans l'Université Lyon II, sous la direction de M. Poux.
- PINTO, I. Vaz (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.

<sup>14</sup> Proposta apresentada por Pierre André e Elsa Dias (ANDRÉ e DIAS, 2011).